

10 Maio, às 12 horas

Tempo parado. Gestos à toa. A revolução fugiu-nos, fugiu-me, fugiu. Não o senti on-tem na conversa factual, de incidentes onil vezes já escutados, na historieta tão tris-tel típica dos cães portugueses (sem ser na província!), na dificuldade de concen-tração na grande temática da vida real e global? Que vontade terrível de dizer: não pertenço aqui! Mas onde pertenço afinal?

Fundação Cuidar o Futuro  
Fugiu-nos para longe a revolução. Fugiu-nos do coração (ou não teremos alimentado o querer-lhe bem?), fugiu-nos da inteli-gência (valerá a pena conceber idéias, ~~pl~~nos, sistematizar análises, desvendar contradicções perante a segurança da revolução q se fez malgre' nous, à notre insu?), fugiu-nos das mãos (o poder q poderia ajudar a dizer e a definir a revolução em nome próprio é assim tão radical impor-tante?)

Dizer q̄ a revolução me fugiu é ainda ver-me  
no centro da revolução q̄. <sup>de</sup> nunca aí esteve  
embora o julgasse e aí tivesse arriscado  
vida, nome, relações, tudo o q̄ foram 10  
meses de ~~uma~~ tensão ilimitada, de trabalho  
sem divisórias, de invasão <sup>do</sup> pelo eu indi-  
vidual por muito mais do q̄ a consciência  
humana pode comportar. Não, a revolução  
não nos fugiu, não me fugiu. A REVOLUÇÃO  
FUGIU.

Dos círculos imensos e difusos q̄ criou  
a revolução voltou - de cada vez mais p̄ o  
seu centro, arrastada pela inexorável força  
centrípeta do poder, do mimetismo q̄ da  
colução fácil, da receita de "livre de poder".  
É isso. O caderno tosco, em branco, q̄  
revolução transformou-se nessa coisa chata,  
sempre igual, p̄ ler e eu viajei q̄ é a cul-  
tura condensada no livro de bolso. Cansada  
de procurar nos termos não clarificados  
da galáxia, a revolução quis ser ~~ser~~  
confortável / col - centro decisivo do dia  
e da noite, iluminá-las de todas as coisas,  
calor q̄ a si mesmo se produz e q̄ saga /



remota/afuece um ou outro ponto da galáxia.  
Cansada de ser tomada na sua globali-  
dade em  $\bar{g}$  dos pontos do seu último  
círculo a revolução refugiou-se no quente  
e seguro ninho do seu centro. E passou  
a haver noite e dia, certo e errado, e os  
deus da revolução achou  $\bar{g}$  isso era bom.

~~Passada~~ Gradual/ vai começar a grande  
cosmogonia, crescerão as plantas, surgirão  
os animais e surgirá (já surgiu?) o  
homem novo.  $\bar{g}$  Para quando, para  
quando, a humana, grandiosa e  
sobre tentação de comer da árvore  
do conhecimento? Para quando a  
grande, incontida e pessoal rebeldia  
dentra a segregação daquilo  $\bar{g}$  afinal  
funda a existência humana?

Para que criar parábolas? Repara  
como são forçadas. A revolução  
fugiu - é tudo. Acossada pelas ideias  
tem um abrigo numa linguagem  
constante, hermetica, tão desincarnada  
como o esperanto. Recosa de sua própria

Sombra, erigiu-se em centro de luz  
(a Grande Iluminação — onde está o novo  
Parsifal? onde está o princípio do novo  
nazismo?) ~~foi~~ e assim nunca se afastará  
do seu próprio zénith. Vulnerável  
na sua fragilidade, ~~mas~~ concentrou-se  
num imenso colapso interno para onde  
nada a possa tocar. E assim começou,  
sem que fosse necessária a tomada de  
poder por nenhum partido constituído,  
o grande apaelho concentracionário.

A revolução fugiu no espaço das  
~~reais~~ ideias, das pessoas, das estruturas.  
Por isso haverá ideias que nunca serão  
ouas, haverá pessoas que nunca lhe  
pertencerão, haverá estruturas que nunca  
serão tocadas. Mas esse é o preço concreto  
e real desta concreta e real revolução.  
Tudo se troca em dinheiro no circuito  
económico de todos os bens e a própria  
revolução é um bem económico.

Mas a revolução fugiu no tempo. Para onde?  
Para onde? Até quando?